

Baco Exu do Blues  
volta ao Rio em  
noites esgotadas

PÁGINA 3



Othon Bastos  
em leitura  
dramática grátis

PÁGINA 6



O Justiceiro exibe  
força da Marvel em  
nova safra de gibis

PÁGINA 14



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Cantor e compositor abre programação especial de shows dos 90 anos do Teatro Rival

Por Affonso Nunes

**M**ais que um cantor e compositor de sucesso, com grandes serviços prestados à MPB, João Bosco é uma orquestra ou escola de samba inteira quando dedilha seu violão. Com um show intimista neste sábado e domingo, ele abre a programação especial dos 90 anos do Teatro Rival com o show “Cinco Décadas de Canções” em que celebra seus 50 anos de carreira.

Inquieto musicalmente, o artista está propondo novos arranjos para seus sucessos sem abri mão de uma de suas marcas registradas: o improviso. Clássicos como “Incompatibilidade de Gênios”, “O Mestre-sala dos Mares”, “O Bêbado e a Equilibrista” e “Corsário”, nascidos de sua memorável parceria com Aldir Blanc (1946-2020) estão no repertório para resgatar memórias enquanto atravessam gerações.

O roteiro inclui ainda músicas de seu mais recente trabalho – o aclamado álbum “Abricó-de-



Marcos Hermes/Divulgação

### SERVIÇO

JOÃO BOSCO  
- 50 ANOS\*  
Teatro Rival  
Petrobras  
(Rua Álvaro  
Alvim, 33 -  
Cinelândia)  
2 e 3/3, às  
19h30  
Ingressos: R\$  
160 e R\$ 80  
(meia)  
\*Lotação  
esgotada no  
dia 2/3

# João, voz, violão e sucessos sem fim

-macaco” (2020), que teve duas indicações e uma premiação no Grammy Latino de melhor canção em língua portuguesa para a faixa-título.

Nascido em Ponte Nova (MG), em 1946, João desde cedo demonstrava conexão íntima com a música, absorvendo ritmos e melodias que permeavam sua infância até criar um estilo musical único. Suas parcerias com Aldir solidificaram sua presença na cena musical brasileira.

A década de 1970 foi marcada pela explosão criativa de João cujo álbum de estreia, “João

Bosco” (1973), já anunciava um talento excepcional em canções como “Bala com Bala” e “Alferes”. Trabalhos posteriores como as faixas e “Incompatibilidade de Gênios” e “O Bêbado e a Equilibrista” - eternizada na voz de Elis Regina - marcaram os tempos turbulentos da ditadura militar no Brasil.

Nos anos seguintes, Bosco expandiu com seu virtuoso violão os limites da MPB, fundindo ritmos como samba, jazz e bossa nova e resultando em novos sucessos como “Papel Machê” e “Corsário”.

## CORREIO CULTURAL

Reprodução/Record



Rachel Sheherazade acerta contrato com a Record

## Record escala Sheherazade para comando de reality

A Record mudou a apresentação de A Grande Conquista para a segunda temporada. O reality passará a ser comandado por Rachel Sheherazade. O programa estreia em maio. O fato de ter ido bem e ter tido popularidade em A Fazenda 15, no ano passado, pesou na escolha. Existem marcas interessadas em anunciar na

atração com Sheherazade no comando.

Em A Grande Conquista, 100 pessoas disputam uma vaga em um reality de confinamento, desde famosos, subcelebridades e anônimos. Mariana Rios, que comandou a primeira temporada da atração, está em negociação para um novo projeto na emissora.

## Sem Censura

Grande rosto da Globo no Carnaval carioca, o comentarista e carnavalesco Milton Cunha é o novo contratado da TV Brasil e estreou nesta quinta (29) como comentarista e debatedor do Sem Censura, comandado por Cissa Guimarães.

## Sem Censura II

As edições musicais temáticas em tributo a grandes personalidades da cena musical do país são uma das novidades do programa que nesta sexta (1) homenageia Gal Costa, tendo Filipe Catto, Rubel e o crítico Mauro Ferreira como convidados.

## Porta escancarada

Joaquim Lopes saiu da Globo após 14 anos de contrato. Ele atuou em novelas como "Sangue Bom" e "Império", além de ter apresentado o Video Show. "Saio com a certeza de ter deixado a porta escancarada", escreveu no Instagram.

## À vontade

Bradley Cooper revelou que gosta de ficar à vontade quando está em casa. O astro e diretor de "Maestro", indicado ao Oscar em sete categorias, contou em entrevista ao podcast "Armchair Expert" que se sente "à vontade em estar nu".



Alcione repassa os grandes sucessos da carreira no palco do Qualistage

Ao completar 50 anos de uma trajetória vitoriosa, Alcione preparou uma série de eventos comemorativos com o propósito de celebrar esse antológico meio século de dedicação e amor à Música. Além das incontáveis apresentações pelo Brasil, a turnê da cantora também já foi aplaudida em cidades da Europa e África, como Londres, Lisboa, Porto e Angola.

Neste sábado (2), a cantora maranhense estará apresentando o espetáculo, "Alcione - 50 anos", no palco do Qualistage. A artista será acompanhada pela Banda do Sol, e o show tem direção musical de Alexandre Menezes e geral de Solange Nazareth. No repertório, hits como "Não Deixe o Samba Morrer", "Sufoco", "Você Me Vira a Cabeça", "A Loba", "Meu Ébano", "Mulher Ideal", "Garoto Maroto", "Estranha Loucura", "Nem Morta", "Além da Cama", "Faz Uma Loucura Por Mim" e "Gostoso Veneno", dentre outros.

Criada ouvindo os grandes cantores da época, nacionais e internacionais, sempre transitou entre os variados gêneros e estilos: samba, jazz, bolero, reggae, mpb... E apesar de ser tratada como sambista, adora gravar e interpretar o que lhe convém e emociona. Não é à toa que se transformou em uma das grandes divas da nossa música romântica.

Além da turnê nacional e pelo exterior, que são um revival da carreira, a artista gravou um audiovisual com seus principais hits no Theatro Municipal.

Mas as celebrações pelo cinquentenário começaram antes com o lançamento do longa-metragem "O Samba é Primo do Jazz", resumo biográfico capitanea-

## 50 vezes Marrom

Cantora volta ao Rio com o show comemorativo de suas cinco décadas de carreira

do por Ângela Zoé que vem sendo apresentado em diversos festivais de cinema. O espetáculo "Marrom, o Musical" já passou por alguns dos principais palcos brasileiros. A cantora foi a grande homenageada da edição 2023 do Prêmio da Música Brasileira, além de ter sido ovacionada, recentemente, na Marquês de Sapucaí, durante o desfile da Estação Primeira de Mangueira que a escolheu como Enredo Oficial da Escola para o Carnaval deste ano.

Alcione gravou compactos (o primeiro em 1972), LPS, DVDs e 42 Álbuns, que lhe concederam 26 Discos de Ouro, sete de Platina, sendo dois deles de Platina Duplo, três DVDs de Ouro e um de Platina.

A Marrom também é detentora de inúmeras premiações internacionais, como o "Grammy Latino" na categoria "Melhor álbum de samba", "O Pensador de Marfim" (concedido pelo Governo de Angola), "Diplome de Médaille D'or" (da Societé Académique de Arts, Sciences et Lettres de Paris), "Extraordinary Contribution to Brazilian Culture and Positive Image" (concedida no 9th Annual Brazilian International Press Award. Flórida), "Personalidade Negra das Artes" (Conselho Internacional de Mulheres) e "A Voz da América" (ONU).

## SERVIÇO

## ALCIONE 50 ANOS

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca) | 2/3, às 21h30 | Ingressos entre R\$ 90 (meia) e R\$ 290

# Reflexões (e confissões) sobre o amor

Baco Exu do Blues retorna ao Circo Voador com turnê de seu disco mais recente

Por Affonso Nunes

**B**aco Exu do Blues está de volta ao Rio para duas noites com ingressos esgotados no Circo Voador nesta sexta e sábado (1 e 2). O rapper segue com a turnê de seu disco mais recente, o elogiado “Quantas Vezes Você Já Foi Amado?”, com hits como “20 Lições”, “Samba em Paris” e “Dois Amores”.

Nas doze faixas do disco lançado em 2022, Baco se expõe por inteiro. “Foram 25 anos para me achar lindo”, confessou o músico em suas primeiras entrevistas sobre este trabalho. Quase que se desnudando, Baco usa

sua escrita para versar sobre questões complexas e afitivas como internalizar que não é merecedor de receber amor, que carece de aprender o amor-próprio para então saber o que fazer quando for realmente amado.

Baco Exu do Blues foi o nome adotado pelo baiano Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo. O rapper ganhou destaque na cena musical com um estilo bastante particular, geralmente mais romântico que seus colegas de gênero, e letras poéticas e provocativas. Seu trabalho aborda questões de identidade, amor, violência urbana, desigualdade social e experiências pessoais num estilo lírico introspectivo e crítico, com uma mistura de poesia e realismo. Melo-



Baco Exu do Blues internaliza questões de amor próprio em seu disco mais recente

dicamente, ao longo de seus álbuns, desenvolveu habilidade em mesclar elementos do rap, do blues e de outros gêneros musicais.

Em “Quantas Vezes Você Já Foi Amado?”, Baco explora o conceito de amor sob óticas distintas, refletindo sobre o amor romântico, o amor próprio, o amor pela comunidade e

outras formas de conexão.

## SERVIÇO

BACO EXU DO BLUES - QUANTAS VEZES VOCÊ JÁ FOI AMADO?  
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)  
| 2 e 3/3, às 22h | Ingressos esgotados

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Fritz Nagib/Divulgação



### Mulheres musicais

Badi Assad leva nesta sexta-feira, às 22h, ao Blue Note Rio um show dedicado às mulheres compositoras, artistas e cantoras de todas as gerações e cantos do universo. “Mulheres do Mundo” tem a participação da poeta e filósofa Viviane Mosé, para apresentar uma canção inédita composta em parceria com Badi. No formato solo, Badi fará um repertório de músicas que gravou ao longo de sua carreira de compositoras do mundo, assim como canções autorais.

Divulgação



### Senhora das folhas

Áurea Martins abre as comemorações do Mês da Mulher com a estreia da turnê “Senhora das Folhas”, seu álbum mais recente, pelas unidades Sesc de São João de Meriti (2/3), Barra Mansa (8/3), Madureira (15/3) e Tijuca (26/3). O show faz um mergulho delicado no universo do sagrado feminino das rezadeiras e benzedeiros do Brasil. Sesc São João de Meriti. 02/03, às 19h. Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia).

Divulgação



### Piano pleno

Com um repertório único para dois pianos Bianca Gismonti e Claudia Castelo Branco desenvolvem com o Duo Gisbranco um trabalho inovador, explorando ao máximo a sonoridade do instrumento. Dentre suas realizações mais recentes está o álbum “Pássaros”, com parcerias inéditas com Chico César. Bianca e Claudia apresentam neste sábado (2), às 22h, no Blue Note Rio show que revisita esta trajetória.

Divulgação



### Versatilidade

Compositor e arranjador, Leo Gandelman é um instrumentista versátil que vai do pop à música clássica com a mesma desenvoltura. Com mais de 500 mil discos vendidos e 30 anos de carreira solo, o músico mostra neste sábado (2) no Soberano, em Itaipava, canções autorais e versões para clássicos de grandes compositores brasileiros. É acompanhado por Eduardo Farias (teclados) e Cassius Thepersson (bateria).

# Tom Zé e uma obra atemporal

Luan Carbonari e Gaber Rojas relêem obras de um dos pais da Tropicália

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

Realizado, produzido, dirigido pela atriz Ana Beatriz Nogueira, o espetáculo “Uma Canção para Tom Zé” traz uma homenagem a Tom Zé com uma releitura nada óbvia de suas composições nas vozes de Luan Carbonari (violão) e Gaber Rojas (piano) que estréia no Manouche neste sábado (2). A dupla será apresentada por Malu Mader e Louise Cardoso e também terá participação especial da sanfoneira pernambucana Ceiza Moreno.

O espetáculo reúne músicas emblemáticas e pérolas do reper-

tório do artista baiano de 87 anos, como “Tô”, “Solidão” e “Augusta, Angélica e Consolação”, que ganham uma releitura nada óbvia nas vozes de Luan e Gabriel. Ana Beatriz fala que realizou um sonho. “É uma homenagem, um gesto de amor, com jovens cantando a obra de Tom Zé, por meio de melodias e vozes belíssimas, com arranjos construídos por Luan e Gabriel. É nosso olhar sobre a obra deste grande mestre. Não é preciso estar necessariamente debaixo dos holofotes para fazer algo artístico, ser artista também é promover, proporcionar, tornar possível, fazer por onde, a arte”, conta Ana Beatriz, uma apaixonada pela vasta obra de



Divulgação

Luan e Gaber mostram seu olhar sobre o mestre

Tom Zé, que vai trazer de São Paulo para o Rio o homenageado, um dos nossos maiores talentos e também um pilar da Tropicália.

Sempre atenta a novos talentos, Ana ficou encantada com a presença de palco e a voz cristalina de Luan Carbonari, um dos finalistas do “Canta Comigo”, da Record, que tem apenas 23 anos, e com a musicalidade impar de Gabriel, de

22. Não por acaso, são amigos de infância, têm uma banda chamada Pink Floyd Eclipse e são multi-instrumentistas.

“É desafiador tocar Tom Zé, pegar o que ele quis transmitir com a obra dele e, agora, devolver com a nossa pegada. A música “Mãe” é uma das nossas favoritas. Ela começa a capela, ficou bem interessante”, entrega Gabriel. “Ficamos muito

honrados com o convite da Ana. É muita responsabilidade, mas até que estamos tranquilos. Tom Zé é muito à frente do tempo e também é aberto, receptivo. Temos certeza de que ele vai achar interessante o que estamos propondo e como fizemos a nossa leitura da obra dele”, aposta Luan.

Ana Beatriz continua dizendo que a base do trabalho foi devolver um tiquinho. “Mas um tiquinho, uma parte muito pequena De todo o bem que esse homem me fez na vida como artista. De tudo que ele tem me ensinado na vida com a arte dele, com as palavras dele, com a estrada dele. E sobre as dores e as delícias de fazer uma direção, falando especificamente sobre música, eu só consigo ver as delícias. Ainda não conheci as dores. Espero não conhecê-las”, diz.

## SERVIÇO

UMA CANÇÃO PARA TOM ZÉ  
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)  
2/3, ÀS 21H  
Ingressos: R\$ 120 E R\$ 60 (meia solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

## CRÍTICA / DISCO / VALSAS CHOROS E CANÇÕES

# Um álbum lindo

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje vamos de “Valsas Choros e Canções” (Selo Sesc), o novo álbum de Eduardo Gudín. Doze dos 13 arranjos são dele e seu violão está em todas faixas. Léla Simões (voz, viola e violino) e Naila Gallotta (um arranjo, voz e piano) também protagonizam o trabalho com ele.

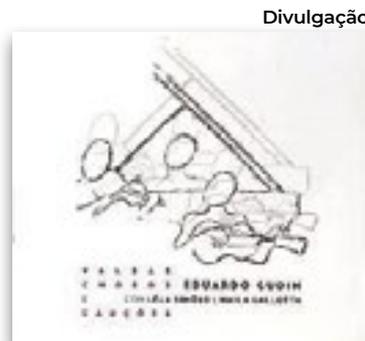
Antes... Desde quando o MPB4 ainda contava com Magro e Ruy, tínhamos, e claro que ainda hoje temos (embora agora com nova formação), enorme admiração por este compositor bom de samba, de valsa, de choro e de canção. Gravamos algumas de suas músicas que até hoje me emocionam.

Mas vamos lá: “Arrebentação” (<https://youtu.be/RASQysMfydg?si=7Kek9dJNOw5jPARv>), de EG e Paulo César Pinheiro. A intro

é do piano. Léla canta. Como em todas as faixas, violão, viola, violino e piano se entregam à faina da criação. O piano se destaca, até entregar a ribalta ao violão. A viola toca. O piano dedilha. O violino usa o arco. O álbum abre as portas para a sensibilidade dos ouvintes.

“Jacob” é um choro inédito de EG. Piano e violão abrem. Bandolim (Ronen Altman) e violino tocam em duo – dialogando e se complementando. A primeira parte se repete e com ela o choro ganha empatia. O violão assegura a harmonia.

“Poente” (EG e Marco Antônio da Silva Ramos): violão e piano abrem o arranjo de Naila, ela que canta junto com Gudín. O piano



Divulgação

segue e entrega a Fernando Goldenberg e sua gaita a responsabilidade de brilharem – eles não se fazem de rogado. Naila e Léla abrem as vozes em terças.

Abrindo o arranjo, o belo “Choro do Amor Vivido” (EG e Walter de Carvalho) tem o violão de Gudín junto com o piano de Laila. Piano que vai firme às teclas.

Canto que vem pelas vozes em cânone de Naila e Léla. Logo o instrumental volta, bem como retorna o violão de Gudín. Supimpa!

O grande sucesso “Paulista” (<https://youtu.be/0KJGgY17k?si=aPdiOJw09RaCmHHR>), de EG e J.C. Costa Neto, vem pela voz de Gudín e pelo seu violão. Após alguns versos, Naila e Léla vêm e se revezam no canto e nos vocalises. O dedilhar da viola soa junto com o violão, que toca num intermezzo de alguns compassos. O bandolim de Ronen volta à cena.

“Luzes da Mesma Luz” (EG e Sérgio Natureza) tem Léla cantando e tocando viola, enquanto o piano e o violão se juntam a ela e fazem parceria para tocar o arranjo de Gudín

– mais um com o dom de seu DNA. Léla canta com gosto. Piano, violino e violão estão no intermezzo. A seguir, Renato Braz dá ao canto à sua sabedoria. A ele se junta Léla. Belo duo! Meu Deus! Ah!, o piano e o violão estão lá na intro.

Enfim, Valsas Choros e Canções é um álbum que maravilha por trazer ao proscênio um craque como Eduardo Gudín, ele que é um ourives, a quem interessa lapidar cada acorde de sua música, batear soluções harmônicas para suas frases melódicas e polir os acordes. O perfeccionista que revê à exaustão cada achado harmônico (tantos!), em busca de aprimorá-los. Gudín é um bamba que se iguala aos melhores que temos na música brasileira.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

INCENTIVANDO  
A ARTE

EDITAL  
DE CULTURA

SESC RJ  
PULSAR

24 / 25

**O PALCO  
DO SESC RJ  
É TODO SEU!**

**Participe!**

Inscrições gratuitas até

**8/3/2024**

Inscrições abertas para a seleção de projetos artísticos e culturais que farão parte da Programação Cultural das unidades do Sesc RJ em 2025.

**Tire seu projeto do papel e venha brilhar em nossos palcos!**

Confira o edital e inscreva-se:



Música • Teatro • Dança • Circo • Artes Visuais • Audiovisual • Literatura

# Othon Bastos E O TEATRO QUE não se entrega

Jair Magri/Divulgação

Aos 90 anos, veterano ator participa de leitura dramática gratuita sobre sua vida e trajetória artística

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**A** emblemática atuação de Othon Bastos em “Deus e Diabo na Terra do Sol” (1964), longa seminal de Glauber Rocha (1939-1981), encerra com a canção de Sérgio música tocando em off: “Se entrega Corisco / Eu não me entrego não, / Eu não sou passarinho, / Para viver só na prisão”. A composição e o longa sinalizavam a resistência com a qual a então nascente ditadura militar teria que lidar nos anos seguintes.

São os episódios da vida de resistências de Othon que serão contadas, com texto e direção de Flávio Marinho, em “Eu Não Me Entrego Não” na quarta edição da série Dramaturgia em Leituras, programa criado pelo Instituto Evoé para abrir espaço de incentivo à arte e à cultura.

A leitura terá como intérprete o eterno Corisco que, dos seus 90 anos de vida, 71 foram dedicados à arte da encenação. Ele estará em cena emocionado e divertindo o público, contando histórias divertidas e dramáticas da sua vida pessoal e profissional. A entrada é franca e os ingressos podem ser retirados no guichê da Sympla no dia do espetáculo duas horas antes do início.

O esqueleto dramático da peça são os episódios, mas estão as diversas reflexões, frutos imediatos do tema abordado por Othon. Por exemplo, depois que ele encontra o amor da vida, com quem está casado há 57 anos, o texto passa a refletir o sentimento do amor através de diversas referências e citações. A mesma coisa depois que Othon menciona um fato político: a peça envereda por historietas e pequenas pensatas políticas - e assim por diante.

O diretor e autor Flavio Marinho falou com exclusividade ao Correio da Manhã sobre o seu processo autoral. “O mais importante de uma leitura é que se testa a



Reprodução

peça. Avaliamos se o texto tem gordura, sente a reação do público, saca os altos e baixos. Além de servir como um pré-lan-

camento do espetáculo”, resume.

Questionado sobre sua escolha por Othon Bastos, Marinho reage. “Eu não

*Othon Bastos em dois momentos: nos dias de hoje e na pele de Corisco, o cangaceiro do clássico ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’, um de seus papéis mais marcantes*

escolhi o Othon. Fui escolhido por ele. Chique, né? Ele me fez a proposta é eu não sou nem louco de dizer ‘não’ para o maior ator brasileiro vivo”.

Marinho ressalta seu gosto e interesse por biografias, uma marca registrada de sua trajetória como encenador. “Gosto de mexer com a estrutura das biografias. No ‘Judy’ (musical sobre a atriz e cantora Judy Garland), eu misturava as vidas da Luciana Braga (protagonista da montagem) e da Judy Garland. Em ‘Não me entrego não!’, eu misturo reflexões sobre temas importantes com flashes da vida do Othon”, detalha o diretor.

## SERVIÇO

### EU NÃO ME ENTREGO NÃO!

Teatro Adolfo Bloch (Rua do Russel, 803 - Glória)  
4/3, às 20h | Entrada franca

CRÍTICA / TEATRO / A FALECIDA

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**A**o ver a abertura de “A Falecida”, com o cenário que reconstrói um caixão, os homens todos iguais com máscara, a pergunta é “que Nelson Rodrigues é esse? A resposta vem rápida. Sergio Modena constrói Nelson, sendo Nelson em sua forma absoluta. Uma montagem capaz de trazer o texto como está escrito, mas com uma contemporaneidade na forma, no que se vê, surpreendente. Essa fórmula conteúdo e forma transforma a atual montagem em uma daquelas que ficam na história.

Os elementos visuais, o figurino, as luzes, a movimentação das mesas só seguem a rubrica de Nelson (sem cenários) ao mesmo tempo que provoca pequenas e agradáveis surpresas. O respeito ao autor é também nos detalhes. As gírias da década de 1950, os maneirismos gestuais, os hábitos, as relações, todos lá, ficam presentes no elenco equilibrado com Camila Morgado, Thelmo Fernandes, Stela Freitas, Gustavo Wabner, Alcemar Vieira, Thiago Marinho e Alan Ribeiro.

# O valor de um clássico

Divulgação



*Camila compõe uma Zulmira, vingativa, invejosa e ingênua*

O que transforma “A Falecida” em memorável? A forma de interpretação de todos os atores é o que se espera em um texto que é chamado de tragédia carioca. Há dramas, tristezas ao mesmo tempo em que acontece uma certa ginga carioca. Uma malemolência

de balneário na voz e nos gestos, do carnaval e das conversas sobre futebol.

Camila compõe uma Zulmira, vingativa, invejosa e ao mesmo tempo ingênua. Difícil fazer uma personagem com todas as contradições. A histórica clássica de Freud que trans-

forma em sintoma todas as mágoas que não pode exprimir. Thelmo é um Tuninho que, sem qualquer exagero, vive num eterno perdedor, o melhor que já vimos por essas plagas. Gustavo é um Timbira como se imagina; Stela faz a picareta cartomante com todo o viés de humor; Alcemar, Alan e Thiago se dividem nos outros papéis dentro da mesma emoção.

Escrita há 70 anos, “A Falecida” entroniza o público que nascia sob a égide da indústria do entretenimento. O futebol, o poder do rádio, o desejo desenfreado do luxo, os valores e os locais sociais dados pelo poder aquisitivo. A produção da dupla Vera Novello e de Ana Velloso é um acerto porque comprova que a alma do teatro é o ator com um texto de qualidade, um diretor primoroso, um elenco que se destaca. Enfim, um clássico em uma encenação criativa é uma obra de arte.

## SERVIÇO

A FALECIDA

Teatro Copacabana Palace (Avenida Nossa Sra. de Copacabana, 261)

Até 7/4, às sextas e sábados (21h) e domingos (20h)

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Universo beckettiano

Aos 88 anos, comemorando 25 anos de palhaçaria profissional, Ruth Mezeck, atriz, performer, burlesca, empreendedora cultural e ativista social, estreia a primeira temporada de seu solo, “A Mulher Aquela”, no novo Teatro Cine Jóia até o dia 30, às sextas e sábados. Na peça, dirigida pela palhaça Karla Conká, Ruth dá vida a Clownesse Sassah Coco de La Merde, vulgo Sassah, livremente inspirada na personagem feminina da peça “Dias Felizes” (1961), trazendo para o universo beckettiano a mistura do teatro do absurdo, palhaçaria e muitas brincadeiras.

Divulgação



### Makeda, a rainha

“Makeda – A Rainha da Arábia Feliz” conta e canta a história de uma pequena princesa africana predestinada a se tornar a grande Rainha de Sabá. Educada por seu trisavô, os dois tecem longos diálogos em que o sábio ancestral passa à neta importantes lições. A peça destaca a representatividade negra infantil feminina como símbolo de avivamento da autoestima. Com direção e texto de Alex Miranda, a peça tem no elenco Ella Fernandes, Graciana Valladares, Lucas da Purificação e Thiago Justino. Sábados e domingos, às 15h, até 12 de maio, no CCBB RJ.

Divulgação



### Para os miúdos

O espetáculo “Os Céus e suas Histórias” tem um ambiente sensorial e lúdico em montagem para crianças pequenas e bebês. No enredo inspirado na astrônoma Annie Maunder, Thiane Lavrador e Júlia Mariano usam elementos de dança e jogos de luz e sombra para convidar os pequenos para uma viagem interestelar. Annie Maunder é uma das primeiras mulheres cientistas de que se tem notícia e, por meio de uma câmera fotográfica projetada por ela mesma, conseguiu uma imagem, até então inédita, de um eclipse solar. Em cartaz no Espaço Sobrevento, de 2 a 24 deste mês.

**SHOW****CONTATO IMEDIATO - ANA RATTO  
VISITA ARNALDO ANTUNES**

\*A cantora carioca dá novas versões para canções do compositor paulistano, como "A Casa é Sua", "Desistiu de Mim", "A Lhe Esperar", "Ela é Tarja Preta", e "Ligado a Você". Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910 - Copacabana). 7/3. Ingressos de R\$ 30 a R\$ 160

**SAMBA DAS CABELELEIRAS**

\*Nesta sexta (1), aniversário da Cidade Maravilhosa, a partir das 18h, tem show do Samba das Cabelereiras e da cantora Rapha Mendes no Casarão do Firmino (Rua da Relação, 19). A abertura com o grupo Nossa Verdade.

**HUMOR****YURI MARÇAL**

\*Ator e humorista, cativa multidões com seu humor afiado e conteúdo inteligente. Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio 38 - Centro). 2/3

**CASA DA COMÉDIA CARIOCA**

\*A Casa da Comédia Carioca, no anexo do Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema), recebe o melhor da comédia. 3, 10 e 15/3.

**DANÇA****TRUPE**

\*A Focus Cia de Dança, dirigida pelo coreógrafo Alex Neoral, apresenta o espetáculo Trupe neste sábado (2), na Praça Mauá, perto do Museu do Amanhã. São duas sessões: às 14h e 16h. De graça.

**TEATRO****TEBAS LAND**

\*A premiada peça com Robson Torinni e Otto Jr. acompanha a instigante relação entre um jovem parricida e um dramaturgo interessado em escrever a história de seu crime. Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Qui a sáb (20h) e dom (19h). Até 28/04.

**KING KONG FRAN**

\*Num misto de cabaré com circo e show de mulher-gorila, Rafaela Azevedo diverte o público virando ao avesso os estereótipos do feminino. De 1 a 3/3, sex e sáb (20h) e dom (19h) no Teatro I Love Prio (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolo-



Fernanda Torres

# Lazer no aniversário da cidade

No fim de semana que o Rio completa 459 anos não faltam opções de diversão e cultura

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

meu Mitre, 1110 - Leblon)

**A CASA DOS BUDAS DITOSOS**

\*"A Casa dos Budas Ditosos", é uma adaptação teatral do livro de João Ubaldo Ribeiro, com direção de Domingos de Oliveira. Teatro Multiplan (VillageMall - Av. das Américas, 3900 - Piso SS1). De 5 a 27/3.

**KAFKA E A BONECA VIAJANTE**

\*O espetáculo retorna ao Rio após sua bem-sucedida itinerância por diversas capitais. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente - Loja 370, 53). De 1/3 a 28/4.

**NORMAL**

\*De volta aos palcos cariocas, os atores embarcam na história do famoso serial killer, Peter Kurten, que viveu na Alemanha em 1929. Baseada em fatos reais. Sex e sáb (19h) e domingos (18h) no Teatro Rogério Cardoso (Casa de Cultura Laura Alvim)

**SHIRLEY VALENTINE**

\*O monólogo apresenta uma trama envolvente e introspectiva, centrada na personagem Shirley, interpretada por Susana Vieira. Até 10/3. Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290A, Leblon)

**LOTTE ZWEIG- A MULHER SILENCIADA**

\*Em 23 de fevereiro de 1942, o celebrado escritor, Stefan Zweig e sua esposa Charlotte Altman Lotte Zweig, foram encontrados mortos em seu bangalô, em Petrópolis. A causa apontada indicava suicídio duplo. Mas, 80 anos depois, novos indícios, novas e persistentes dúvidas. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - São Conrado). De 1/3 a 28/4.

**O QUE NOS MANTÉM VIVOS**

\*Com Renato Borghi, Débora Duboc, Elcio Nogueira Seixas e elenco, o ato-espetáculo-musical critica o autoritarismo

Carlos Costa/Divulgação



A Fabulosa Fábrica de Música



Cia Focus de Dança

fascista que assombra o Brasil. Teatro Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163) Sex e sáb (19h) e dom (18h). Até 18/3

### TRILOGIA GRANDE SERTÃO: VEREDAS

✱Recortes da obra prima "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa. Encenará as duas primeiras peças da trilogia, "Riobaldo" aos sábados e "O Diabo na Rua, no Meio do Redemunho" aos domingos. Museu da República (Rua do Catete, 153). Sáb e dom (19h30). Até 31/3

### VESTIDO DE NOIVA - O MUSICAL

✱Adaptado da obra de Nelson Rodrigues.

Alaíde é atropelada e levada ao hospital. Nos seus últimos momentos, ela embarca em uma jornada de reflexões. Teatro Cegranrio (Rua Santa Alexandrina, 1011 - Rio Comprido). Qui a dom. Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia). Até 3/3

### UM FILME ARGENTINO

✱"Um Filme Argentino (UFA)" é uma obra teatral fascinante e única, explorando as complexidades e reviravoltas da vida de um casal, enquanto utiliza uma abordagem cômica para destacar as diferentes facetas dos relacionamentos. De 1/3 à 21/4. Teatro Adolph Bloch (Rua do Russel, 804)



Yuri Marçal

Clayton Leite/Divulgação

Divulgação

Ig Aronovich/Divulgação



Blow-up, um sopro de diversão

## EXPOSIÇÃO

### DIÁLOGOS

✱A Ava Galleria Rio (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering, Santo Cristo) apresenta a exposição Diálogos, trazendo obras figurativas e abstratas, de artistas brasileiros, finlandeses e suecos. Até 9/3, qua a sáb (11h às 17h). Grátis

### LUZES

✱O artista Jérôme Poignard apresenta aquarelas de paisagens urbanas do mundo, marcadas por cores e luzes, próprios de seu estilo, que convidam o espectador a viajar

pelos cenários e pelas histórias que as obras contam. De 2 a 20/3, qua a sáb (11h às 17h), na Galeria Dobra (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering, Santo Cristo). Grátis

### CASA COMUM

✱Instalação multimídia com obras de artistas amazônidas (Rafa Bqueer, Uýra, Alcemar Sateré, Elizete Tikuna, Roberta Carvalho e outros), com foco na cosmovisão indígena do planeta. Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo), de qua a dom (11h às 20h). Grátis. Até 10/3

### CORPO FORMOSO

✱Em sua primeira individual, a artista Yoko Nishio apresenta 11 pinturas inéditas, que têm como fio condutor a relação entre o corpo e a cidade. Museu da República (Rua do Catete, 133). De ter a se (10h às 12h e 13h às 17h), sáb, dom e feriados (11h às 12h) e 13h às 17h). No dia 27/2, visita guiada com a artista. Até 10/3

## INFANTIL

### BLOW UP: UM SOPRO DE DIVERSÃO ✱A

mostra oferece um percurso de fantasia e criatividade, com obras de arte infláveis de todos os formatos e piscina de bolinhas gigante, em um ambiente de 3.000 m². Centro de Eventos - VillageMall (Av. das Américas 3.650 - Barra da Tijuca). Sex (das 11h às 19h). Sáb. e dom.(das 10h às 19h). Até domingo

### O PEQUENO PRÍNCIPE IN CONCERT

✱Em versão in concert, a obra apresenta a história da amizade entre o homem frustrado por incompreensão e o príncipezinho que habita um asteroide no espaço. Teatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia). 1/3 (19h); 2/3 (11h e 16h)

### A FABULOSA FÁBRICA DE MÚSICA

✱Quando uma caixinha de música, que esconde um poder mágico, se quebra na unidade brasileira do Colégio Beethoven. Ela passa a existir em tamanho real. De 27 fevereiro à 15 de março no Teatro das Artes - Rua Marques de São Vicente, 52 - Gávea

### AS AVENTURAS DO BOB ZOOM

✱A peça teatral "Bob Zoom em: Clube de Aventuras" traz uma história cheia de diversão e muita música, que promete encantar crianças e adultos. O espetáculo conta com as músicas já conhecidas do Bob Zoom, como "Os Amiguinhos", "A Dona Aranha" e "O Pintinho". De 2/3 a 3/3. Teatro Miguel Falabella (Norte Shopping - Av. Dom Hélder Câmara, 5474)

# Heranças estéticas da Berlinale

Quase uma semana após o encerramento do festival alemão, seus principais sucessos fazem salivar redes exibidores, distribuidoras e plataformas de streaming

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

**P**elo segundo ano consecutivo, o Festival de Berlim encerra suas atividades com a entrega do Urso de Ouro a uma narrativa documental: “Dahomey”, da franco-senegalesa Mati Diop. Sob a benção dos orixás e demais vetores da ancestralidade africana, o longa-metragem da diretora de “Atlantique” (2019) registra o regresso de relíquias roubadas por colonizadores ao Benin, seu país de origem. Uma dessas peças, chamada de N° 26, narra a trama em primeira pessoa, numa prosopopeia que evoca o culto aos exus.

Em 2023, nesse flerte do evento com a não ficção, a vitória ficou com “No Adamant”, de Nicolas Philibert, um estudo sobre uma clínica fluvial que navega pelo rio Sena oferecendo atendimento (e acolhimento) a pacientes com problemas psiquiátricos. Este ano o próprio realizador retornou ao tema – e ao evento – com “Averroès & Rosa Parks”.

Mas o garimpo berlinense de pepitas não se limitou a expressões documentais, a se destacar o drama brasileiro “Cidade; Campo”, que rendeu o Prêmio de Melhor Direção da Mostra Encounters para a paulista Juliana Rojas. É um painel de amores e de resiliências, assuntos recorrentes no Berlinale Palast. Essa recorrência teve um perfume de adeus, pois foi o ano de despedida da gestão curatorial desenhada por Mariette Rissenbeek e Carlo Chatrian a partir de 2020. Agora, Tricia Tuttle, que vem do BFI London Film Festival, vai assumir as futuras escolhas da maratona cinéfila germânica.

O solo que ela tem para arar foi fértil em 2024. Confira os frutos mais suculentos dessa lavoura, que começa a chegar por aqui hoje, com a estreia de “O Astronauta” (“Spaceman”), com Adam Sandler, na Netflix:

**TREASURE, de Julia von Heinz (EUA):** Eleito “o filme fofo” da maratona alemã, esta

dramédia põe a atriz e roteirista de “Girls”, Lena Dunham, ao lado de um mito queer da cultura pop: Stephen Fry. Eles vivem filha e pai num road movie que se passa em 1991, data na qual a jornalista Ruth (Lena) leva seu pai, o imigrante judeu polonês Edek (Fry, sublime em cena), a um passeio por sua terra natal. Mas ela vai incluir campos de concentração no pacote, o que leva Edek, a lembrar da dor vivida por seu povo na mão dos nazistas. O tema é bem áspero. O longa, não.

**DEMBA, de Mamdou Dia (Senegal):** Apesar do clima espectral dessa narrativa, a suavidade reina sobre um painel de afetos familiares mesclado a sombras políticas de chagas coloniais. Na trama, com elementos fantasmagóricos, Demba (Ben Mahmoud Mbow) está às vias de se aposentar e busca mudar sua rotina, a fim de cicatrizar a dor da morte da mulher com que viveu por anos a fio. Mas a necessida-



*Love Lies Bleeding*



*Betânia*



*Memorias de un Cuerpo que Arde*



*À Quand L'Afrique?*



*Vogter*

de de reinventar sua relação com seu filho vai trazer fantasmas à tona.

**LOVE LIES BLEEDING, de Rose Glass:** Uma analogia com “Thelma & Louise” (1992), de Ridley Scott, e com “Gosto de Sange” (1984), dos irmãos Coen, ajuda a fazer deste thriller beem sanguinolento um cult na grade da mostra Berlinale Special. Kristen Stewart vive uma gerente de academia de ginástica que se apaixona por uma fisiculturista (Katy O’Brien), que perde o juízo e o senso de brutalidade por amor e pelo uso abusivo de esteróides, que mudam seu corpo. Ed Harris rouba cada fotograma para si no papel do pai traficante de armas de Lou.

**À QUAND L’AFRIQUE?, de David-Pierre Fila (Congo/ Angola):** Atabaques se inflamam na evocação de mitologias e histórias reais de povos de áreas rurais do Congo diante do irrefreável avanço da gentrificação e do desmatamento. No filme, ritos que passam pela percussão abrem uma reflexão geopolítica com foco ecológico.

**THE STRANGER’S CASE, de Brandt Andersen:** Um dos últimos títulos a ser exibido, este drama coral lembra “Babel” (2006), uma vez que o conflito de um segmento afeta o outro. Ganhou o Prêmio da Anistia Internacional pela forma feroz com que expõe a batalha de um grupo de pessoas para escapar da violência na Síria,



Les Gens D'à Côté



The Stranger's Case



Força Bruta 4



A Different Man



Demba



Treasure



Above The Dust

Divulgação

incluindo uma médica e um soldado filho de um herói local. Um mercenário interpretado magistralmente por Omar Sy (de "Lupin") vai cruzar o caminho de todos, com seu caráter nada louvável.

**BETÂNIA, de Marcelo Botta:** Uma viagem existencialista pelos Lençóis Maranhenses encantou Berlim sob o realce da fotografia de Bruno Graziano. Seu diretor, egresso de São Carlos, filmou com elenco 100% maranhense a saga de uma mulher, a Dona Betânia do título, que, aos 65 anos, passa por uma mudança, depois de enviuvar. A pedido das filhas, ela vai viver perto das dunas e se reinventa. Diana Mattos é a protagonista do longa.

**SONS ("Vogter"), de Gustav Möller (Dinamarca):** A dinamarquesa Sidse Babbett Knudsen (de "500 Miligramas" e "Borgen") eleva o padrão europeu de atuação – sobretudo no trato com o silêncio – a outro patamar à frente do novo filme do realizador do cultuado "Culpa" (2018). Sidse encarna uma agente carcerária que entra num conflito existencial e profissional com a chegada de um jovem presidiário condenado pela morte de um colega de celas a facadas. A brutalidade com que ela passa a tratar o rapaz, associada a uma série de atos suspeitos, sugere uma estranha ligação dela com o preso. O clima de suspense do longa é enervante.

**LES GENS D'À CÔTÉ, de André Téchi-**

**né (França):** Neste elegante suspense, a onipresente diva Isabelle Huppert empresta seu talento ao mestre europeu na saga de uma policial que se afeiçoa por seus novos vizinhos até entrar em dilema ao descobrir que um deles tem um passado de crimes.

**FARUK, de Asli Özge (Turquia):** Nas raias da autoficção, este painel de conflitos geracionais em Istambul parte de um exercício de observação, com ares fabulares, feito pela cineasta a partir do dia a dia de seu pai, um nonagenário que esbanja carisma. O dispositivo afetuosamente armado por Asli garantiu ao longa a láurea da Crítica, votada pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci).

**A DIFFERENT MAN, de Aaron Schimberg (EUA):** Pela primeira vez, em quatro anos, o prêmio de Melhor Interpretação de Berlim é dado a um homem, e logo um ator que é adorado por Hollywood: Sebastian Stan, o Soldado Invernal da Marvel. A vitória dele, merecidíssima, coroa um tipo de narrativa bizarra, entre o thriller e a comédia, de que Berlim gosta um bocadinho. Stan vive um ator que tem uma deformidade facial adquirida por tumor na pele. É sempre escalado para papéis exóticos até passar por um tratamento incomum que transforma sua aparência, mas liberta o que existe de mais angustiado nele. A extraordinária Renate Reinsve interpreta a vizinha que atiaça seus sentimentos.

**MEMORIAS DE UN CUERPO QUE ARDE, de Antonella Sudassi Furniss (Costa Rica):** Longa ganhador do Prêmio de Júri Popular da mostra Panorama de Berlim. Uma vez que o assunto mais recorrente do festival foi a vida depois dos 60, com a chegada da veiche, nada mais adequado para o cinema hispano-americano renovar sua força estética do que um painel experimental sobre três mulheres que se assumem idosas: Ana (68 anos), Patrícia (69) e Mayela (71). Elas falam de seus desejos e de seus medos.

**ABOVE THE DUST, de Wang Xiaoshuai (China):** Este trator estético asiático acabou na mostra Generation (de orientação infantojuvenil) por se debruçar sobre o que se passa na cabeça de um menino de 10 anos. Na trama, o pequeno Wo Tu sonha ter uma pistola d'água num campo de trabalhadores que sofre um processo de desapropriação de bens pelo estado. O desejo do garoto vai levá-lo a exóticas ações.

**FORÇA BRUTA 4 ("The Roundup: Punishment")/ "Beom-Joe-do-si 4"), de Heo Myeong-haeng:** Berlim brincou de ser Cannes ao finalizar sua competição com um thriller de porradaria pop, egresso da Coreia do Sul e dirigido por um dublê. Essa trama de investigação e tapas na cara é uma sequência de um sucesso mundial de bilheteria "Força Bruta", lançado aqui em 2022. Ma Dong-seok, ou Don Lee, o Gilgamesh da aventura "Eternos" (2021), da Marvel, é seu protagonista. Ele vive uma espécie de Dirty Harry da Ásia. Nesse novo filme, seu personagem, o detetive brucutu Ma Seok-do caça uma quadrilha de jogo ilegal online, cujo bandidão é um especialista em facas.

ENTREVISTA / MÁRCIO ROSÁRIO, ATOR E PRODUTOR

# 'A necessidade de se autoproduzir acabou sendo um fator primordial'

Divulgação

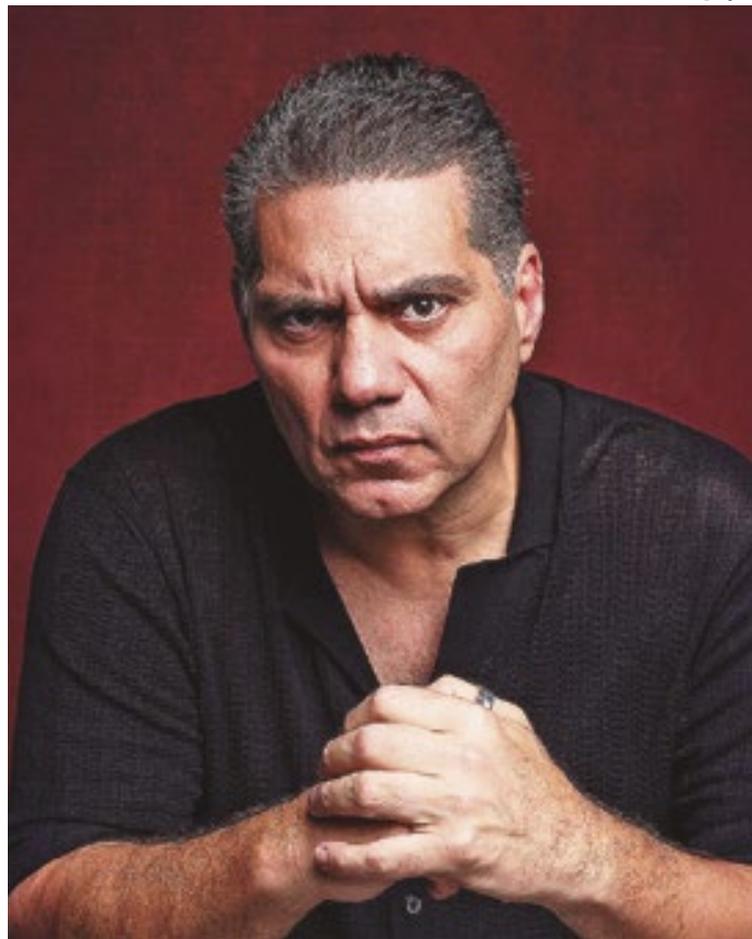
Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**É** difícil entender como um currículo feito do santista Marcio Rosário, lotado de trabalhos (de prestígio), como ator e produtor, em Hollywood e outros territórios estrangeiros, sob a batuta de medalhões da direção, ainda não tenha atraído mais (e melhores) holofotes para seu talento em terras brasileiras. Neste momento, 59 festivais internacionais já acolheram seu mais recente exercício nessas duas funções: o curta de horror queer "Bergamota", laureado com 18 prêmios planeta adentro. Seu circuito de exibições inclui Estados Unidos, Canadá, Argentina, França, Dubai, Nova Zelândia, Índia, Itália, Finlândia, Nova Delhi, Romênia, Reino Unido, Nigéria e China. Em cada canto desses, a atuação dele impressiona.

Sob a direção de Hsu Chien Hsin ("Desapega"), Rosário interpreta a vítima nada usual de uma dupla de michês violentos, reagindo com sinistras atitudes à homofobia que sofre. Destaque no elenco multiglobalizado de "Rio, Eu Te Amo" (2014), num episódio do mexicano Guillermo Arriaga, Rosário relembra o caminho para impor seu nome como um talento. Talento que faz, cria e compartilha.

**Sua carreira tem relevo longo no exterior. Como começou essa trajetória? O que se abriu de oportunidade profissional para você fora do Brasil? Em que países?**



**Marcio Rosário:** Fui estudar inglês nos Estados Unidos, em 1990, e uma coisa me levou a outra. Quando vi, estava fazendo participações em novelas, séries e filmes americanos. Claro que não foi do dia para a noite, e a minha cara latina, junto com meu sobrenome hispânico, somaram muito nessa loteria maluca. Foram quase 20 anos trabalhando nos Estados Unidos, México, Canadá, Japão, e mais recentemente em Portugal. Sempre gostei de produzir, então estar em uma cidade como Los Angeles, onde os atores aprendem desde cedo a necessidade de se autoproduzir,

acabou sendo quase um fator primordial a ser seguido. Trabalhar com diretores independentes, seja para filmei um dia ou um mês, trouxe para mim uma vivência de set que abracei com todas as forças. Lembro de todos esses grandes diretores com que filmei, como David Fincher, Takashi Miike, John Schlesinger, Guillermo Arriaga, Sylvester Stallone, Simon West, Mike Mitchell, Wolfgang Petersen, Terrence Malik...

**E o chinês nascido em Taiwan e radicado no Catete, Hsu Chien Hsin se junta a esse coletivo, por**

**meio de curtas que expandem seu circuito pelo mundo. Quantos festivais o "Bergamota" tem pela frente?**

Ainda esperamos a resposta de mais de 60 festivais. Esse processo de enviar filmes para esses eventos é bem trabalhoso, pois, embora os gêneros suspense e terror sejam muito comuns em muitos eventos internacionais, o Brasil ainda não tem esse nicho bem desenvolvido. Com isso, temos que apresentar o histórico do diretor, do elenco e da produção sempre aos festivais. Venho fazendo esse esforço desde que nosso filme foi finalizado, em julho.

**O que te leva a investir nesse filão?**

Sou fanático por filmes de terror e suspense. Quando o convite para enveredar pelo gênero veio por parte do Hsu Chien, um roteirista e diretor com quem já tinha trabalhado no passado, não pensei duas vezes. Produzi "Flerte" e "Vazio", dois curtas-metragens que o Hsu dirigiu e ganhamos prêmio no Brasil e no exterior com eles. O "Flerte", por exemplo, ganhou a láurea de melhor curta-metragem de ficção em 2014 pela Academia Brasileira de Cinema e, no LABRFF (festival de cinema brasileiro de Los Angeles), empatou na categoria de melhor curta de ficção com outro filme que também produzi. Com isso, poder fazer o gênero que eu amo, junto com um diretor que admiro e respeito muito, foi praticamente uma brincadeira. Foi um teste que deu muito certo. Pela resposta dos festivais, nas críticas e no público, queremos fazer uma brincadeira maior. Vamos para uma versão longa, que, neste momento, já estamos apresentando para os distribuidores.

**O que essa profusão de convites acrescenta à carreira que um filme de metragem curta, e que dimensão de produto ele passa a adquirir?**

A julgar pelas críticas e aceitação do nosso curta, principalmente nos festivais do exterior, o nicho de terror e suspense pode abrir portas para produtores, roteiristas e dire-

tores criarem aqui mais filmes nesse gênero como fizeram com maestria cineastas como Dennison Ramalho e o pai do horror nacional, o José Mojica Martins.

**Que histórias mais afetuosas você guarda de seu processo em telas e terras estrangeiras?**

Acho que o primeiro filme que fiz... e logo com o grande Terrence Malick... o longa de guerra "Além da Linha Vermelha"... tem um lugar no coração, por era um misto de pavor com felicidade, guiado por um diretor extremamente gentil, numa trama na qual faço um soldado. Estou na cena entre Nick Nolte e John Travolta, dentro do navio, com um elenco estelar de atores americanos. Havia um clima de felicidade de todos, por estarem filmado com Malick e serem gratos por aquele momento. Sempre me recordo disso com um grande sorriso na memória. Agora, tem os filmes de ação. Fiz alguns e eles são uma Disneylândia. É tudo muito grande, com muita preparação física. Como desafio, tenho que falar do filme do Takashi Miike, "The City Of Lost Souls", todo rodado no Japão. O processo de tradução simultânea do japonês para o inglês e o aprendizado da língua foram muito difíceis, mas, tudo deu certo.

**Que linha de atuação você, de forma consciente, persegue?**

Sou um ator que nasceu no teatro. Amo o palco e o processo de ensaio. Mas meu treino no cinema foi todo nos Estados Unidos onde o processo de ser e de estar, na cena, é importante para muitos diretores que preferem menos ensaios, optando por ver o processo no set. Temos muitos testes antes para chegar ao resultado final e gosto desse afinamento até chegar ao processo do set. Gosto do que é visceral, mas amo mais ainda o jogo do olhar dos meus companheiros de cena. Esses encontros são mágicos. Gosto de pensar que a magia do cinema se faz da união de muita gente trabalhando. Todos com uma vontade imensa para que todo o processo tenha um resultado positivo.

CRÍTICA / CINEMA / EU, CAPITÃO

# ‘Risorgimento’ de uma grife autoral

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional de 2024, o tocante “Eu, Capitão” é um fruto tardio do que o audiovisual europeu classifica como “Risorgimento”. Sem alusões ao momento histórico de unificação da Península Itálica no século XIX, fora um espírito identitário de autoafirmação, a tal expressão, quando aplicada ao cinema, faz referência a uma fricção estética realizada no fim dos anos 2000 quando uma leva de diretores italianos, de diferentes regiões, tomaram os grandes festivais da Europa de assalto com uma nova (e refinada) fornada de narrativas.

Todas eram autocríticas; todas imbuídas de referências da Hollywood dos anos 1970 (Martin Scorsese, Hal Ashby e Brian De Palma, sobretudo); todas batiam cabeça para a tradição da pátria de Fellini, sem se render a esse seu passado. O thriller de máfia “Gomorra”, do romano Matteo Garrone, foi o chute a gol mais certo dessa agitação artística, impulsionada a partir do Festival de Cannes de 2008.

O cineasta, que vem das artes plásticas, com uma carreira paralela na pintura, saiu da Croisette com o Grande Prêmio do Júri. Na mesma competição, o napolitano Paolo Sorrentino ganhou o Prêmio do Júri, por “Il Divo” (nunca estreado aqui). Quatro anos depois, Garrone papou mais um Grande Prêmio cannoise, agora por “Reality”, esculhambando dinâmicas da sociedade do espetáculo ao falar do “Big Brother”, apoiado no talento de um presidiário que virou ator na cadeia, Aniello Arena.



Divulgação

*Seydou Farr sofre no bonde de imigrantes que deixam o Senegal rumo à Itália*

Garrone passou os últimos 15 anos desafiando a gravidade moral de sua pátria, numa ousadia que é política e histórica para uma terra de gigantes. De lá vieram Rossellini, De Sica, Fellini, Visconti, Antonioni, Lina Wertmüller, Pietro Germi, Pier Paolo Pasolini, Liliana Cavani, Elio Petri, Valerio Zurlini. É uma terra que foi próspera na seara dos filmes de gênero, seja no terror (com o giallo de Dario Argento), no faroeste (com as macarronadas de Sergio Leone, Tonino Valerii e Sergio Corbucci) e nos épicos de gladiador (o Peplum).

Apesar dessa euforia criativa toda, a cena industrial cinematográfica à italiana minguou por um bom tempo, de 1984 a 2008, vendo suas fontes de fomento à produção cinematográfica escassearem, numa rusga com autoridades parlamentares, por conta do fortalecimento da TV. Com isso,

até campeões de bilheteria como Carlo Pedersoli e Mario Girotti (conhecidos como Bud Spencer e Terence Hill) deixaram de fazer os longos da franquia “Trinity”, sob a guilhotina de políticos como Silvio Berlusconi, restando visibilidade a poucos cineastas. Giuseppe Tornatore (com “Cinema Paradiso”) e Roberto Benigni (com “A Vida É Bela”) souberam bem flertar com as receitas da Academia de Artes e Ciências de Hollywood. Nanni Moretti permaneceu ativo, desde 1973, e nos brindou faz pouco com “O Melhor Está Por Vir”. Resistentes do movimento moderno também se mantiveram firme, como o finado Bernardo Bertolucci, que foi fazer uma incursão pelo Oriente e filmar em outras línguas (vide “O Último Imperador”), e (o até hoje imparável) Marco Bellocchio, artesão por trás de “O Traidor” (2019) e

o ainda inédito “Rapito”.

Garrone viu essa turma toda. Aliás, “Io, Capitano” (título original de seu oscarizável novo longa, que acaba de estreiar aqui) lembra muito “Conseguirão os Nossos Heróis Encontrar o Amigo Misteriosamente Desaparecido na África?” (1968), de Scola. A lembrança não é pela picardia, mas pelo desenho geopolítico. Os dois olham para o continente africano despidos de paternalismos sociológicos.

Ao exibir “Eu, Capitão” na abertura do Festival de Küstendorf, na Sérvia, no dia em que recebeu a indicação à estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, Garrone explicou que seu maior medo, em relação a essa produção, era cair no arquétipo do “branco de classe média que vai à África explorar a miséria alheia”. Fez de tudo para evitar o lugar comum do colonialismo. Ro-

gado no Senegal, seu mais recente exercício autoral de observação da obstinação (seu tema por excelência, vide “Dogman”) acompanha a jornada de dois rapazes de Dakar em direção à Itália. Na ocasião das filmagens, o cineasta andava com a cabeça em universos fabulares, ainda sob o efeito de seu “Pinóquio”, exibido na Berlinale de 2020.

No elenco daquela joia infantojuvenil sobre os riscos do verbo “amadurecer” estava Roberto Benigni, oscarizado ator e realizador de “A Vida É Bela” (1998), com o qual “Eu, Capitão” muito conversa. É uma saga bem pé no chão sobre perigos da imigração. Mas ela dialoga com o sucesso hollywoodiano de Benigni por investir nos poderes da imaginação. Seu personagem central, Seydou, salva-se de humilhações e de privações flanando pela esfera do delírio e do sonho, sem jamais se desfocar dos deveres e dos calos em sua mão, que se esfalfa em trabalhos forçados como pedreiro.

Seu intérprete também se chama Seydou. Seydou Farr. Ele saiu de Veneza com o troféu Marcello Mastroianni de Melhor Estrela Revelação. Garrone ganhou (mercidamente) a láurea de Melhor Direção. O Seydou da ficção tem 16 anos e se junta a seu primo de mesma idade, Moussa (Moustapha Fall), numa jornada de Dakar para a Sicília, em busca de uma vida melhor. Passa por toda a sorte de percalços para isso, encarando um deserto escaldante, tropas armadas e barcos lotados. É uma narrativa tensa, mas comovente, que conversa visualmente com a tradição do grande cinema italiano moderno, em especial “Terraferma” (2011) e “Fogo no Mar” (Urso de Ouro de 2016).

Sua engenharia de som impecável ressalta os gritos da embarcação em que Seydou assume o posto do título. Antes de chegar lá, passa por uma série de peripécias que desenham o filme de Garrone num registro de aventura, com direito a um estudo sobre perseverança. Estudo a partir do qual vemos o amadurecimento de um menino.

# 50 anos de vigilantismo

Super-herói mais realista da Marvel, o Justiceiro completa meio século de sucesso, repaginado nas bancas e no streaming

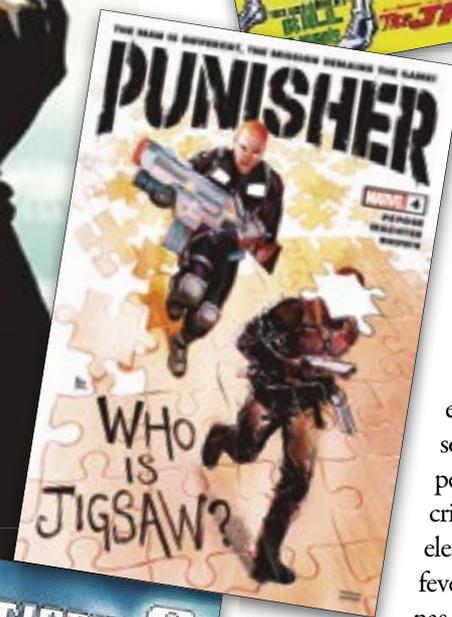
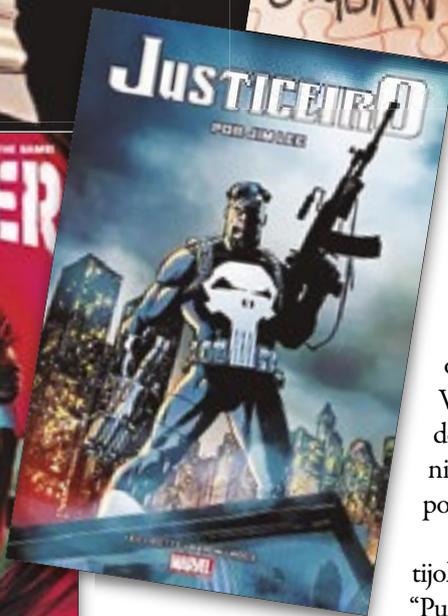
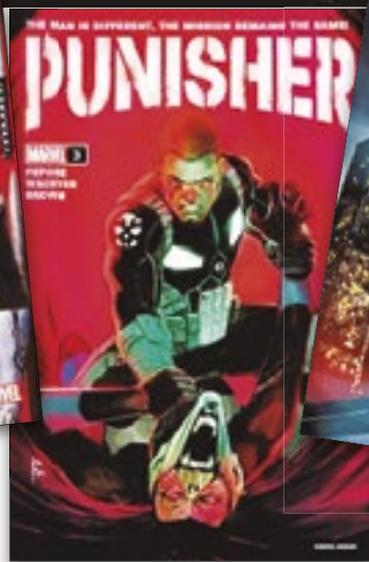
Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

inaugurado em 1938, com 1442 lugares, na Rua Leopoldina Rego nº 52, em Ramos, o Cine Rosário fechou suas portas, dando lugar à boate Trigonometria, logo após sofrer um assalto em meio a uma projeção de “O Justiceiro”, de Mark Goldblatt, em 1991. O roubo ocorreu durante a sequência na qual o anti-herói das HQs Marvel, vivido pelo sueco Dolph Lundgren, detona mafiosos com uma metralhadora giratória. Quem estava na plateia, entorpecido pelo som distorcido da sala exibidora, não ouviu os tiros de verdade, disparado pelos assaltantes.

Foi um episódio triste do anedotário da Zona Norte carioca, ocorrido ao mesmo tempo em que a editora Abril lançava um álbum de luxo do personagem, em formato 21 cm x 27,5 cm, todo em P&B, com roteiros de Mike Baron, desenhos do bamba Whilce Portacio e arte-final de Scott Williams. Um ano depois, em 1992, a mesma Abril editaria uma série de oito números, de igual tamanho.

Essa saga ajudou a ampliar o prestígio do vigilante marvete mais próximo da ficção realista e da ética do Exército de Um Homem Só, celebrizada no cinema pela franquia nos anos 1980, pela franquia “Rambo”, por “Comando Para Matar” e pelos filmes de Charles Bronson. Frank Castle, o Punisher (nome original desse guardião da Lei), é meio Bronson e meio Stallone – com a determinação do



Exterminador do Futuro de Schwarzenegger, embora seja de carne e osso. Seu aniversário de 50 anos deixa todas as suas virtudes pop à flor da pele e alimenta dois mercados: o editorial e o audiovisual.

Levado às telonas no passado por Lundgren, Thomas Jane e Ray Stevenson, Castle ganhou o rosto (e o talento) de Jon Bernthal na série do “Demolidor”, da Netflix, e nas duas temporadas de seu próprio seriado. Agora, cinquentão, ele volta (via Bernthal) na série Disney+ “Born Again”, coadjuvando

o Homem Sem Medo Matthew Murdock (com Charlie Cox). Estreia em 2025.

Paralelamente ao projeto Disney, nos gibis americanos, Castle foi substituído por outro às da pancadaria (e da pontaria): Joe Garrison. Na trama, o Justiceiro original sumiu, sem deixar vestígios, nem explicações, deixando um vácuo no combate ao crime que o ex-agente da organização superpoderosa Shield – um John Wick chamado Garrison – tenta sanar. Ele foi apresentado ao público leitor em novembro, em aventuras roteirizadas

por David Pepose, sob a pena do ilustrador Dave Watcher. Na edição atual, ele encara a célula terrorista Jigsaw.

No Brasil, a editora Panini resolveu fazer festa pela efeméride da criação de Castle: ele apareceu em fevereiro de 1974, nas páginas do gibi “The Amazing Spider-Man” #129, numa caçada ao Homem-Aranha. Seus pais: o roteirista Gerry Conway e os desenhistas John Romita Sr. e Ross Andru. No site [www.panini.com.br](http://www.panini.com.br), encontra-se a fase mais recente de Castle no país, na qual ele vira o líder da quadrilha de ninjas Tentáculo. Vende-se por lá ainda uma trinca de encadernados escritos pelo irlandês Garth Ennis (de “The Boys”) e uma pataca assinada por Mike Baron e Klaus Janson.

O maior presente da Panini aos fãs é um tijolo de 496 páginas com historietas de “Punisher War Journal”, reunindo os 19 volumes desse arco de 1988, idealizado por um Midas do traço bom: Jim Lee. Merece destaque também a compilação “Corações Sombrios”, na qual Castle une forças às garras do Wolverine e ao fogo infernal do Motoqueiro Fantasma. Vale ainda investir um troco na edição nº 7 de “A Saga do Homem-Aranha”, na qual o Justiceiro dispara suas balas contra o Escalador de Paredes. O filé desse cinquentenário é “Justiceiro: Zona de Guerra”, com capa dura e 160 páginas de pura adrenalina. Seu miolo ilustrado reúne clássicas histórias escritas por Chuck Dixon e desenhadas por John Romita Jr.

# Reclame aqui\*

(SEGUNDA PARTE)

(continuação...)

Quando faltava energia era um ‘Deus nos acuda’. Não havia meio de se movimentar. E como faltava à época. Era tanto o rrear de luz, que o carioca pândego do jeito que é, mudou a letra de “Cidade Maravilhosa”, de André Filho, criando um chiste maldoso, porém, bastante real na ocasião, baseado numa marchinha do Carnaval de 1954: “...Rio de Janeiro/Cidade que me seduz / De dia falta água / De noite falta luz...”. Na versão, com todo escárnio possível, ficou assim: “Cidade Maravilhosa/Cheia de buracos mi l/ De dia falta água / De noite falta energia...”. Noutra parte exortava a beleza das praias cariocas ironizando, de forma veemente, a sujeira pela qual a cidade ‘atravessava’. “...Praia de Ramos para o turista inocente/Basta então um pequeno mergulho/Para sair com um ca...ão entre os dentes...” Que horror! E como faltava tudo. Recém ex-Capital Federal, padecia a Guanabara.

O bonde de Santa ficou para contar história. Conta-a até os dias atuais sob uma saraivada de críticas dos moradores do bucólico bairro carioca. Perdeu a graça, perdeu o charme, mas manteve o elã. Não há turista que se encante ao cruzar os Arcos da Lapa sobre os trilhos em um transporte ecologicamente correto e cheio de histórias para contar, umas ótimas como as figuras que habitaram esse universo de estribos e balaustrades, outras tristes quando havia alguma queda de passageiro e a derradeira e trágica quando houve o descarrilamento que ceifou muitas vidas. Não foi o primeiro, mas abriu a discussão se deveria continuar ou não sua centenária operação.

Histórias são vividas e vividas em nossa memória. Não, necessariamente vivenciadas diretamente. Muitas vezes são histórias conhecidas de outros Carnavais. Passadas de pai para filho. Nossos interlocutores põem-se a rir, perguntam-nos do quão detalhes são sabidos e como sabemos-los. Põem-se a rir. Isso está no quão vívida é nossa memória. Somos vividos? Somos experientes? Não importa, muitas vezes é melhor ‘gastar’ palavras, mas, muito melhor é fazer poemas com

elas, não o do famoso Rum Creosotado, mas, um que fale de amor, que conte a história de um amor e, por que não, amor pelo Rio.

Idades são tempos em movimento; cronológica, física, mental, espiritual... idade não importa. A importância está na maneira e forma que conduzimos a história de nossa vida. Histórias podem ser da Carochinha ou tão velhas quanto a Sé de Braga. Podem ser afetivas ou imaginárias. São histórias,

momentos inesquecíveis que se tornaram permanentes em nossas mentes, porandubas eternas.

Afinal, para bom entendedor, meia palavra basta. Basta? Há histórias em que o pingo se torna letra, a letra ‘A’ que há e tem meu nome. YHVH. “...Entre as estrelas sou a lua... entre os animais selvagens sou o leão... dos peixes eu sou o tubarão.... de todas as criações eu sou o início e também o fim

e também o meio...”. Para Jung bastaria. “O sentido torna muitas coisas, talvez tudo, suportável.”

Ah, hoje em dia, temos o VLT, mas aí é outra história. Vou ali fotografar a alvorada carioca e já volto. O Sol me espera; depois do amanhecer eu te conto!

Não vamos perder o bonde da história.

\*Frase contida nos espaços vagos para publicidade nos antigos bondes.



Divulgação



ABSURDA CONFEITARIA

Thays Bittar/Divulgação



ADEGA SANTIAGO

Divulgação



BROTO PIZZA

# Com gostinho de *quero mais...*

Restaurantes colocam no cardápio pratos por tempo limitado

Por **Natasha Sobrinho**  
(@restaurants\_to\_love)

**É** temporada de novos pratos, ingredientes e parcerias nos restaurantes cariocas! Mas, por tempo limitado! Têm sugestões de cortes de carnes especiais em churrascaria, pizza assinada por chef renomado e até parceria de restaurante com sorveteria que desenvolveram juntas um picolé de caipirinha, apenas para o verão. Confira abaixo a lista que o Correio da Manhã preparou para você aproveitar todas as sugestões, sem perder nada.

**ABSURDA** – Além das deliciosas opções fixas no menu da confeitaria, localizada no Jardim Botânico, a casa também oferece a “sobremesa do dia”, tanto na loja física, quanto no delivery. São opções está a mousse de chocolate com caramelo e maracujá (R\$ 41) e a éclair de chocolate com massa de cacau, creme de chocolate 56% coberta com ganache de chocolate (R\$ 27,50). Rua Pacheco Leão, 792 – Jardim Botânico. Tel: (21) 99193-3440.

**ADEGA SANTIAGO** – Uma grande novidade chega ao cardápio da casa, no shopping VillageMall, na Barra da Tijuca. Conhecido como um gigante do oceano, o camarão-tigre, que antes não era encontrado nos mares brasileiros, há pouco vem sendo pescado no Maranhão, na região Nordeste do país. Tão imensa em sabor quanto em tamanho, cada unidade dessa iguaria pesa entre 170 e 200 gramas, e é servida no restaurante feita na brasa, finalizada com azeite e flor de sal. O camarão, que está no cardápio em edição limitada enquanto durarem os estoques, é oferecido por quilo, cada 100g custa R\$ 59,80. Av. das Américas, 3900 – 2º piso-Barra da Tijuca. Tel: (21) 3900-1605.

**BROTO** – O chef Elia Schramm foi convidado pela casa para fazer uma curadoria de chefs para assinarem receitas de redondas na pizzaria, que vai durar o ano todo, a começar pelo próprio chef. O sabor criado foi a Tartufata (R\$ 65). Uma releitura do sucesso do Babbo, que leva mix de cogumelos, muçarela, parmesão e mel trufado. A pizza fica por tempo limitado no cardápio. Rua Aires

Tomás Vález/Divulgação



BUCANEIROS

Divulgação



CHURRASCARIA PALACE

Saldanha, 13 – Copacabana. Tel: (21) 3495-7532.

**BUCANEIROS BURGUER** – Durante cada mês, a



MIL FRUTAS E GUIMAS

hamburgueria traz um hambúrguer especial diferente. Para o mês de março, a casa lança o Sanduba de Stracotto (R\$ 35). Ele leva pão, barbecue, stracotto (carne desfiada cozida lentamente em cerveja preta), minas padrão gratinado e com pota de cebola. Rua Major Ávila, 200 – Tijuca. Tel: (21)3283-8003.

**CHURRASCARIA PALACE** – Nos carrinhos que circulam pela casa, a Churrascaria Palace introduziu duas novas opções de cortes suínos: o “shoulder” e o “assado de tira.” Embora os clientes habituais já estejam familiarizados com esses nomes no contexto dos cortes bovinos, a inclusão dessas variações suínas é uma emocionante novidade que permanecerá no menu por alguns meses. O “assado de tira” consiste em uma porção

de carne localizada entre os ossos da costelinha, apresentando um sabor excepcionalmente marcante. Enquanto isso, o “shoulder,” como o nome em inglês sugere, é retirado da região do ombro, incluindo uma fina camada de gordura que mantém a carne suculenta e macia. Valor do rodízio: R\$ 225. Rua Rodolfo Dantas, 16 – Copacabana. Tel: (21) 2541-5898.

**MIL FRUTAS** – A sorveteria fez uma parceria com o restaurante Guimas, na Gávea, e juntos lançaram dois sabores de picolé de fruta com vodca (R\$ 25 cada): de caipi de uva e de caipi de caju com flor de sal. Feitos apenas para o verão, os picolés estão à venda na Mil Frutas do Jardim Botânico. Rua José Joaquim Seabra, 15 - Jardim Botânico. Tel: (21) 2511-2550.